



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

Lidiane de Leles Carvalho

O TEATRO NA FORMAÇÃO DA PERCEPÇÃO ESTÉTICA:

Um processo de Ensino-Aprendizagem

Brasília
2016

Lidiane de Leles Carvalho

O TEATRO NA FORMAÇÃO DA PERCEPÇÃO ESTÉTICA:

Um processo de Ensino-Aprendizagem

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília para a obtenção de diploma de Licenciatura, sob orientação do professor Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro

Brasília
2016

LIDIANE DE LELES CARVALHO

O TEATRO NA FORMAÇÃO DA PERCEPÇÃO ESTÉTICA:

Um processo de Ensino Aprendizagem

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília para a obtenção de diploma de Licenciatura.

Aprovada em: ___/___/_____.

Orientador

BANCA EXAMINADORA:

Avaliador 1

Avaliador 2

Em memória ao amigo Cristiano Gonçalves Dias. Obrigada!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sanidade e perseverança;

Aos meus pais, Alberir e D'alka, pelo apoio e exemplo;

Ao marido Davi, pela paciência e amor;

Aos amigos, pela força;

Ao *Grupo Carroça*, pela seriedade e paixão;

Ao orientador José Mauro, pela atenção e ensinamentos;

Aos professores da UFG, pelas experiências e aprendizados;

Aos professores da UnB, pelo acolhimento;

Aos meus alunos, pela credibilidade e respeito;

E aos demais que contribuíram de alguma maneira nesta caminhada.

Gratidão!

Meu povo e meu poema

Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta

(Ferreira Gullar)

RESUMO

Esta monografia apresenta trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília, partindo de pesquisas e resultados de trabalho prático desenvolvidos em Oficina de iniciação ao Teatro à comunidade do Varjão do Torto-DF. Buscou-se trabalhar em tal prática processos de ensino-aprendizagem a partir dos pilares da abordagem triangular: Ler, Fazer e Contextualizar. O objetivo destas ações é estimular o desenvolvimento do pensamento crítico, criativo, autônomo e estético dos alunos/espectadores, para assim, a longo prazo, contribuir com o processo de formação humana e cultural brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção; Estética; Teatro; Formação; Ensino-aprendizagem; Percepção.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 – A ARTE E O DESENVOLVIMENTO HUMANO	12
1.1 – O teatro na formação da percepção estética	15
2 – MEDIAÇÃO PROPOSITIVA TEATRAL	22
3 – EXECUÇÃO DE IDEIAS E PESQUISAS	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	38

INTRODUÇÃO

O Teatro se deu em minha vida apenas em fase de pré-adolescência, quando as experiências estéticas ainda eram poucas – passando pelo balé clássico entre os sete e oito anos de idade e por razoáveis aulas de desenho e pintura durante quase todo o ensino básico.

E foi somente no Ensino Médio que conheci e senti o Teatro. Logo na primeira aula – ministrada numa pequena sala aos sábados para poucos alunos interessados de uma escola pública de Goiânia – encantei-me pela linguagem dramática. Já no ano seguinte ingressei num Centro Cultural da cidade no intuito de profissionalizar-me.

Desde o princípio tive a oportunidade de trabalhar com Teatro de rua, passando por algumas boas experiências com a comédia e a cultura popular goiana. Estabeleci diversos contatos com os espectadores junto de alguns grupos que integrei, através de apresentações em praças públicas, creches, escolas e entidades beneficentes no início de minha carreira artística.

Apresentar-me aos passantes de determinada praça ou local público foi se tornando forte interesse estético, até que recebi um convite quase que irrecusável de trabalhar com o *Grupo Carroça* (companhia teatral goianiense) na montagem de um novo espetáculo de rua baseado na estética da *Commedia Dell'Arte*.

Hoje se somam cinco anos pertencentes ao *Grupo Carroça*, entre participações em festivais pelo país, algumas premiações e turnês por diversas cidades goianas. O espetáculo *O Sumiço da Carroça*, criado a partir dos *Canovacci* da *Commedia Dell'Arte*, realizou mais de 60 apresentações, sendo a maioria delas em escolas e praças públicas em várias cidades de Goiás e fora.

Logo nas primeiras apresentações realizadas a diferentes comunidades, a semente de minha pesquisa começou a ser plantada. Levar um espetáculo teatral a um público muitas vezes ainda “leigo” em relação ao Teatro me fez perceber a importância deste trabalho.

Começo então a refletir e dialogar dentro da Universidade de Brasília a respeito da possibilidade de contribuir com a formação estética de espectadores no momento da recepção.

No contato entre espectadores e a obra artística é possível aprender história, literatura, política e sociedade, bem como ampliar a compreensão de mundo e de si mesmo. Em particular na linguagem teatral é possível conhecer e compreender diferentes linguagens estéticas, desenvolvendo a criatividade e expressividade, através da cenografia, maquiagem, máscara, formas animadas, sonoplastia, iluminação, figurino e movimentações corporais e vocais.

Desta maneira, dialogo neste trabalho de conclusão de curso a respeito do potencial de ensino-aprendizagem existente no contato com o Teatro, através dos três pilares da abordagem triangular propostos por Ana Mae Barbosa: o fazer artístico, a leitura da obra de arte e a contextualização.

A experiência cênica proporcionada a diferentes comunidades pode desenvolver a criatividade, criticidade, imaginação e autonomia, em especial quando é apreciada com o acompanhamento de um professor/mediador responsável por dialogar com os alunos/espectadores.

A linguagem teatral transmite emoções e sensações várias aos seus receptores diversos, que compreendem a obra à sua maneira. Com o auxílio de um mediador é possível preparar o grupo de receptores, além de ampliar suas percepções sobre a obra estimulando-os e provocando-os.

Tendo em vista reflexões neste sentido e ainda pesquisas sobre as contribuições da Arte, adentro o primeiro capítulo intitulado “A Arte e o desenvolvimento humano”. Neste primeiro momento discorro sobre obras artísticas como desenvolvedoras do ser humano, capazes de aprimorar percepções estéticas.

Mais especificamente, ainda no Capítulo 1, dialogo a respeito do Teatro como contribuinte na formação estética, por se tratar de uma manifestação artística amplificada, pois uma obra teatral pode apresentar diversas linguagens artísticas dentro de uma mesma cena.

Ainda na perspectiva da recepção teatral, no segundo capítulo discuto sobre a mediação e sua importância na compreensão dos variados signos presentes no espetáculo por parte dos espectadores.

A partir das pesquisas realizadas a respeito de formação de espectadores e ainda a percepção em relação ao importante trabalho de um mediador cultural, busco colocar em prática tais ideias. Desta maneira, descrevo no terceiro capítulo minhas experiências em Estágio 2 pela UnB, onde pude ministrar oficina de Teatro à comunidade jovem do Varjão do Torto e executar minhas ideias em relação à efetivação do Teatro como contribuinte na formação de uma percepção estética.

O resultado deste trabalho é descrito a partir de detalhamento das aulas dadas e resultados alcançados depois de três meses de oficina de iniciação teatral e uma visita ao Teatro da Caixa para apreciação de espetáculo produzido por um grupo profissional.

O intuito destas pesquisas, reflexões e experimentações é dialogar enquanto estudante de licenciatura em Artes Cênicas sobre as possibilidades que o Teatro tem de contribuir em processos de ensino-aprendizagem de instituições escolares ou demais comunidades, fazendo uso da proposta triangular, sendo capaz de desenvolver a percepção estética, crítica, autônoma e criativa de alunos/espectadores, além de provocar modificações nos hábitos culturais da sociedade.

CAPÍTULO 1 – A ARTE E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Arte, do latim *Ars*, “que significa habilidade. É definida como uma atividade que manifesta a estética visual” desenvolvida pelo criador e contemplada pelo receptor. Logo, Arte é leitura humana do ambiente à nossa volta. Em obras e manifestações artísticas são expressas emoções, percepções e ideias do artista criador, que expõe suas impressões a respeito da vida e das subjetividades. Esse artista criador trabalha junto ao material estético, pois se esforça para trazer “beleza” (ou ausência dela) ao expressar o mundo. (InfoEscola, 2014).

Estudos a respeito da estética pertencem à filosofia, que busca compreender os julgamentos e percepções do espectador em relação a variadas manifestações artísticas. E por isso a Arte e a estética são matérias específicas e unicamente humanas, tanto na confecção quanto em sua recepção.

A obra artística imprime sensações de seu criador e as transmite aos seus espectadores, no instante da recepção. E é neste encontro que a Arte acontece. É quando o espectador decodifica e compreende os variados signos e significados expressos pelo artista em sua obra, assimilando, à sua maneira, as Estéticas adotadas, que se dá o fenômeno artístico.

E é na perspectiva da recepção artística que este estudo segue. A relação do espectador com a obra acontece de diversas maneiras a depender da história de vida de cada receptor; das escolhas estéticas adotadas pelo criador; de momentos históricos e culturais de cada grupo social; e ainda, e não menos importante, depende da formação estética dos espectadores.

A formação estética é de fundamental importância no desenvolvimento humano, pois permite que o espectador consiga perceber as várias expressões artísticas e assim, por consequência, compreender o mundo à sua volta, chegando a transcendê-lo.

O desenvolvimento do olhar estético possibilita novos olhares em relação à vida e suas particularidades, pois faz com que o espectador, acostumado a lidar com as várias interpretações oferecidas pelas obras artísticas, construa novos sentidos e reformule suas percepções.

Devido a isto, pode-se afirmar que há processo de ensino-aprendizagem na recepção artística, pois a Arte possibilita ao espectador não apenas prazeres momentâneos ligados à emoção, como também alterações no psiquismo, desenvolvendo capacidades de abstração, criatividade, percepção e imaginação.

O espectador, diante da obra ou manifestação artística, encontra-se em momento de aprendizado, pois se depara com diferentes contextos históricos, narrativas, texturas, musicalidades, movimentos, dentre outras expressividades, capazes de elevar seu pensamento a outras emoções, podendo assim experimentar o mundo e a si próprio com novo paladar.

O indivíduo em momento de recepção da obra tem a oportunidade de se colocar em contextos diferentes de sua vida cotidiana, o que amplia sua capacidade de resolução de problemas e criatividade para lidar consigo mesmo e com variadas situações, além de desenvolver as chamadas funções psicológicas superiores.

As funções psicológicas superiores, segundo estudos de Vygotsky – influente estudioso e psicólogo – trata-se do desenvolvimento humano ligado à sua relação com os signos presentes no meio social. Trata-se do oposto às reações biológicas instintivas, sendo formado a partir de relações históricas e culturais humanas. E o desenvolvimento dessas funções psicológicas superiores são estimuladas a partir do contato estabelecido desde o início da formação da criança com a literatura, pintura, escultura, música, dança, cinema, arquitetura e Teatro. (1999).

O indivíduo que cresce em constante contato com os signos e linguagens artísticas se desenvolve de maneira complexa e por que não dizer superior, tornando-se capaz de fazer diferentes leituras de si, do outro e do mundo a que está inserido, e ainda, utilizando-se dos instrumentos necessários, modificar seu ambiente.

Neste contato continuado com as diferentes manifestações artísticas é que o indivíduo em formação desenvolve a cognição e amplia suas noções estéticas, transformando sua visão e interpretação de mundo e expressão pessoal.

Um indivíduo em contato com a Arte compreende a si e a seu meio, podendo assim transformar seu universo e seu futuro, além de ampliar sua autonomia e pensamento crítico. Desta maneira o homem diferencia-se dos demais animais,

deixando de ser um Ser biológico simplista, para ser um humano universal, complexo e cultural.

Pode-se dizer ainda que, além da capacidade de formação humana, as variadas atividades artísticas provocam certa “magia” na relação com seu admirador, havendo notável paixão na fruição desta relação. Mas “que estranho, misterioso divertimento é esse?” (Ibidem) Haveria razão para tamanho encantamento humano pelas histórias e irrealidades? Será “que nossa própria existência não nos basta?”. (FISCHER, 1987, pg. 12).

Para Ernest Fischer a possível explicação da existência de tal paixão estaria no desejo humano por “ser mais do que apenas ele mesmo”. Segundo ele, as limitações do cotidiano impedem que o indivíduo chegue à “plenitude que sente e tenta alcançar”. (1987, pg. 12).

Considerando tal pensamento justificam-se afinidades existentes entre obras artísticas e seus receptores. É natural que os espectadores se identifiquem com heróis, mocinhas e vilões presentes em variados filmes, espetáculos, livros, canções e quadros.

Ainda dentro da ideia ressaltada por Fischer, o homem busca nas narrativas; poesias; sonoridades; expressões corpóreas; farsas; situações esdrúxulas; texturas; dentre outras expressões artísticas, um mundo “mais compreensível e justo, um mundo que tenha significação”. (1987, pg. 12).

Este mundo com mais cor do que o real, é busca humana incessante. Um lugar com mais beleza ou horror e com verdades modificadas, é vivenciado através do contato com a Arte, que nos transmite diferentes maneiras de se enxergar a vida, os acontecimentos e a nós mesmos.

Nesse sentido, e somado ao pensamento de Vygotsky, pode-se dizer que as Artes são representações melhoradas da vida, e não apenas imitações dela: “A arte está para a vida, como o vinho para a uva... A arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material” (1999, pg. 307).

Ainda que embevecido nas fontes da vida, a Arte traz interpretações profundas, sensíveis e estéticas desta matéria prima. São como que caricaturas do

que é vivido. E porque não dizer, representações de nós mesmos – um lado de nós não permitido no meio social.

E este material superior à vida é recebido por espectadores diversos. Cada receptor assimila estéticas e signos à sua maneira, a partir de sua história, vivência e referências desta mesma vida.

Uma obra de Arte pode ser lida e sentida de diferentes maneiras por cada receptor, a partir de sua formação cultural, histórica e social. E as várias possibilidades de leitura de um texto, pintura, escultura, música e espetáculo, são consideradas e respeitadas nos processos de criação e execução artísticas. E é por isso que se pode afirmar que uma obra de Arte se completa na relação com o receptor. Antes deste momento “mágico” ainda há incompletude.

É como se a obra, ao deparar-se com a leitura de seu espectador, encontrasse sua outra metade, estando preparada para seguir seu caminho. A partir deste encontro entre o receptor e a criação é que a Arte acontece, independente de quem seja o espectador e de que maneira ele reaja, é neste instante que a obra artística atinge seu objetivo; pois no processo de criação do artista, ele, ao exprimir suas sensações na obra, ainda não sabe como o espectador irá assimilar seu trabalho.

Desta maneira acredito que esse encontro é de fundamental importância na criação artística, pois a leitura do receptor é um elemento ativo. Não há passividade nesta fruição, visto que é neste momento que a Arte acontece. A compreensão dos espectadores torna-se elemento essencial no trabalho artístico, como se fosse uma pincelada a mais no quadro; um movimento faltante num espetáculo de dança; ou ainda aquela nota na conclusão da canção.

E dentre todas as linguagens artísticas, a meu ver, é na relação com as espetacularidades que esta completude acontece de maneira mais evidente. Diante da experiência teatral, os espectadores dialogam diretamente com a obra, reagindo a cada cena de maneira instantânea, espontânea e efêmera, transpassando aos artistas envolvidos, no instante da ação, as sensações experienciadas.

1.1 – O Teatro na formação da percepção estética

O Teatro é uma das linguagens artísticas que tem o nascimento paralelo ao da humanidade. Desde os primórdios as experiências teatrais são vivenciadas e apreciadas por diversos povos primitivos, que se utilizavam da expressividade para se comunicarem, até mesmo em tempos anteriores à linguagem.

E desde esses tempos primeiros, o Teatro se faz nas perspectivas da criação e da recepção, a partir dos trabalhos do ator como “mediador de um vislumbre mais alto” e “a presença de espectadores preparados para receber a mensagem desse vislumbre”. (BERTHOLD, 2001, pg. 12).

Logo, a partir das contribuições e desenvolvimento de manifestações teatrais, nos âmbitos da criação e da recepção, foi-se formando a humanidade social, histórica e cultural.

Tanto o artista, quanto o espectador desenvolvem olhares estéticos no contato continuado com as várias experiências teatrais ao longo de sua formação. Desde jogos dramáticos vivenciados na infância, até o contato com expressividades ao longo da vida, criadores e receptores vão elevando suas subjetividades.

As teatralidades, se vivenciadas desde os primeiros anos de vida e com continuidade, podem contribuir na formação humana e cognitiva, em especial ao seguir as perspectivas da abordagem triangular proposta por Ana Mae Barbosa, que são o fazer artístico, ou seja a experiência prática; o conhecer, aprender sobre os códigos teatrais; e o sentir-se pertencido ao contexto no qual vive a partir do que é interpretado no palco:

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a análise da obra de arte e a contextualização estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura. (BARBOSA, 2009, pg. 36).

Observa-se na proposta triangular, discutida desde 1983, que as contribuições artísticas para com o desenvolvimento humano podem ser concebidas através do aprendizado prático, da compreensão de espetacularidades e de sua contextualização histórica, social e cultural.

O contato com as linguagens artísticas contribui com o desenvolvimento humano, pois as Artes irão prepará-los para compreender o mundo, as pessoas, as situações e as imagens do universo a que estamos inseridos, “quer seja arte ou não”. O contato com a linguagem teatral desenvolve olhares estéticos em relação ao ambiente, preparando-nos para fazermos parte deste lugar. (BARBOSA, 2009, pg. 36).

Desta maneira e a partir de tal proposta, o aluno/artista/espectador assimila e decodifica os signos presentes no Teatro a partir de suas vivências pessoais, sociais e artísticas, podendo desenvolver suas capacidades de assimilação e compreensão das subjetividades, pensamento crítico, criativo e estético, autonomia e cognição, além de interesses futuros pela espetacularidade.

A experiência artística teatral traz um enredo interpretado em momento presente, diante dos espectadores, além de canções e nuances nas falas dos atores, movimentações bem marcadas e expressivas e figurinos, cenários e demais aparatos para que o espectador entre no instante da ação, envolvendo-se.

Neste momento de envolvimento o espectador assimila diversos signos estéticos, pois no Teatro é possível estar presente todas as linguagens artísticas – Artes Plásticas a partir do cenário, figurino e formas animadas; a Música pela sonoplastia adotada, bem como o trabalho vocal dos atores; a Dança com a expressividade corporal; a Literatura no texto falado ou não; e ainda o Cinema em soluções midiáticas, a depender das escolhas do grupo artístico – o que possibilita ao espectador variada compreensão estética:

A experiência teatral desafia o espectador a, deparando-se com a linguagem própria a esta arte, elaborar os diversos signos presentes em uma encenação. Esse mergulho no jogo da linguagem teatral, provoca o espectador a perceber, decodificar e interpretar de maneira pessoal os variados signos que compõem o discurso cênico. (DESGRANGES, 2006, pg. 23).

Como se observa no pensamento de Flávio Desgranges, a partir das variadas linguagens presentes numa encenação, o indivíduo que a experimenta e/ou assiste desenvolve-se como ser humano criativo, crítico, autônomo, subjetivo e compreensivo, pois ao deparar-se com uma narrativa diferente de sua vida cotidiana, este indivíduo na plateia se vê em variadas situações, “assumindo-se enquanto sujeito da própria história”:

Ao confrontar-se com a própria vida, nesse exercício de compreensão da obra, o espectador revê e reflete sobre aspectos de sua história e os confronta com a narrativa, chocando os ovos da experiência e fazendo deles nascer o pensamento crítico; pensando reflexivamente acerca da narrativa, interpretando-a, e também a cerca de sua história, do seu passado, revendo atitudes e comportamentos, estando em condições favoráveis para, quem sabe, efetivar transformações em seu presente, e – levando-se em conta a perspectiva de um processo continuado de exercícios de sua autonomia crítica e criativa (...), tornando-se capaz de (re) desenhar um projeto para seu futuro. (DESGRANGES, 2006, pg. 24).

De acordo com tais pensamentos, o aluno/espectador, em contato com o que é interpretado no palco, choca os ovos de sua própria experiência, ao se colocar em situações nunca antes experimentadas, o que lhe permite ver a vida de outras maneiras, chegando à capacidade de modificar-se e modificar seu ambiente.

Tais modificações são possíveis na relação com as variadas experiências estéticas, pois dentro de uma montagem cênica ou oficina prática é possível aprender história, poesia, música, dança, artes visuais, além de trazer discussões e reflexões sobre a sociedade e sobre si mesmo, desenvolvendo-se como ser humano livre, crítico, criativo e autônomo.

A partir destas reflexões percebe-se que o Teatro tem potencial educacional e formador, tanto em oficinas práticas, quanto na relação com o espetáculo. Cada vez que uma comunidade abre suas portas para receber uma montagem cênica ou uma oficina de iniciação ao Teatro, os participantes têm a oportunidade de estabelecer contato (talvez o primeiro deles) com a linguagem dramática.

E é no contato e envolvimento entre o aluno/espectador e a cena, que o receptor do espetáculo é convidado a participar efetivamente da montagem cênica, “como produtor de sentidos”, pois ele é participante fundamental dentro de uma obra artística teatral. Sem espectador, não há espetáculo. (DESGRANGES, 2012, pg. 25)

Teatro, do grego Théâtreon, “lugar aonde se vai para ver”, ver e compreender os signos e subjetividades ali apresentados. Para que um espetáculo se efetive no palco é preciso que haja disponibilidade por parte dos espectadores para com a troca e compreensão do ato cênico, é preciso que haja participação ativa.

Tal disponibilidade e participação ativa podem ser concebidas a partir da formação dos espectadores. Um receptor que vê pela primeira vez um espetáculo contemporâneo pode apresentar dificuldades de assimilação do mesmo, a não ser que já tenha estudado ou visto diferentes encenações ao longo de sua vida. Ou seja, para que haja efetivação na assimilação das cenas apresentadas é preciso preparação, pois a compreensão estética não se trata de “talento natural, mas sim como uma conquista cultural”. (DESGRANGES, 2012, pg. 21)

Pode-se dizer que uma obra artística fala por si só, contando uma história e causando diferentes sensações, mas a garantia do recado dado, assimilação, contextualização e compreensão das subjetividades e das estéticas artísticas, são concebidas através do preparo do espectador.

O receptor que se coloca pela primeira vez diante uma pintura de Tarsila do Amaral, por exemplo, pode não compreender suas cores e formas, mas com o acompanhamento de um pesquisador da área, que o faça perceber questões históricas e estéticas da artista, é possível alcançar a compreensão desejada.

O mesmo se dá na experiência teatral. Ainda que um grupo opte por escolhas simples e aparentemente acessíveis a qualquer público, acredito que a presença de um professor/mediador, que estimule novos olhares, possa contribuir para com a compreensão deste, diante do espetáculo. Desta maneira é possível contribuir efetivamente com a formação estética de espectadores teatrais.

Nesta preparação e cuidado por parte do mediador, há que se considerar o social na relação espetáculo e aluno/espectador. Não há o ser isolado na compreensão do ato artístico, pois o receptor chega ao Teatro carregado de histórias, vivências e diferentes interpretações do mundo a que está inserido.

Uma mediação efetiva na preparação do receptor acontece a partir da compreensão dos diferentes modos de pensar o mundo por parte de cada integrante da plateia, pois “as modificações operadas nas variadas instâncias da vida social, em cada período histórico nos âmbitos político, econômico e cultural, se dão em tensão com as alterações no próprio modo do homem ver, sentir e pensar o mundo”, e pensar o Teatro. (DESGRANGES, 2012, pg. 22).

A experiência pessoal é diretamente refletida no modo de enxergar os signos teatrais, pois o Teatro trata da subjetividade, é obra aberta a receber variados olhares e entendimentos.

Dentro de tais perspectivas e retomando a proposta triangular de Ana Mae – onde se procura compreender a Arte a partir do fazer, ler e contextualizar – na experiência teatral não poderia ser diferente. Para que se haja efetivação em processos de ensino-aprendizagem através do Teatro é preciso pensar possibilidades de mediação que contemplem estes três pilares.

O fazer teatral pode ser proposto a partir de oficinas de iniciação à linguagem, de modo a introduzir pensamentos estéticos com base em vivências pessoais de cada envolvido com as teatralidades. O aluno que tem a possibilidade de compreender o Teatro na prática, sentindo-o no próprio corpo e voz, pode assimilar suas estéticas de maneira mais efetiva.

A leitura de obras teatrais aconteceria ao proporcionar aos estudantes visitas a salas de Teatro ou ainda encontros com várias espetacularidades, o que lhes permitiriam contato com diferentes expressividades dramáticas desenvolvidas por grupos da cidade ou de fora.

Já a contextualização viria a partir do trabalho de mediação teatral, que agiria de modo a valorizar as experiências pessoais de cada receptor, além de estimular e contextualizar a obra e o fazer teatral com questões sociais, históricas e culturais da comunidade envolvida. Este momento do acontecimento cênico é de grande importância, pois o professor/mediador precisa caminhar junto aos alunos/espectadores envolvidos, respeitando suas trajetórias e modos de enxergar o mundo.

Deste modo, adentro o segundo capítulo discutindo a respeito do mediador cultural como contribuinte na formação de uma percepção estética, crítica, criativa, independente e poética.

CAPÍTULO 2 – MEDIAÇÃO PROPOSITIVA TEATRAL

O ato cênico teatral proposto, produzido e apresentado a uma determinada comunidade, carrega em suas cenas história, escolhas estéticas, sensações, subjetividades e variados signos, que serão assimilados por cada espectador à sua maneira, alcançando, no momento efêmero da manifestação artística, plenitude humana.

E como garantir que os variados signos presentes na cena serão compreendidos pelos receptores? Como exigir que uma pessoa que nunca antes teve contato com o Teatro; que talvez acredite que seja o mesmo que interpretação televisiva ou outras obras audiovisuais; ou que até já tenha ido a alguma sala de Teatro uma ou duas vezes; possa vir a compreender a complexa e variada linguagem teatral no instante de seu contato com a mesma? Para que o espectador compreenda uma obra teatral é preciso capacitá-lo.

Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque, no texto *Mediação Cultural para professores andarilhos*, tratam a relação do espectador diante de uma obra artística como sendo uma “viagem”. É como um encontro estético que acontece dentro de um museu ou sala de Teatro.

Assim como numa viagem, ir ao Teatro ou a uma exposição é preciso preparação. Para fazer um passeio como este é necessário arrumar as malas para conhecer um território novo, levando na bagagem muita curiosidade, inquietação e atitude investigativa.

Esta atitude investigativa é concebida através de um mediador profissional na área, que não seja explicativo, e sim propositivo. É importante que uma mediação teatral – aquela que prepara o grupo de espectadores para receber uma obra dramática – seja provocativa, que pontue elementos a serem observados e que estimule olhares estéticos e não estáticos, sem deixar de respeitar os diferentes pontos de vista:

'Não há espectador totalmente ingênuo'. Portanto, independente das possibilidades físicas e materiais, o papel de um mediador é importante para a criação de situações onde o encontro com a arte,

como objeto de conhecimento, possa ampliar a leitura e a compreensão do mundo e da cultura. É capaz também de abrir diálogos internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais e culturais de cada produtor/fruidor/aprendiz. (MARTINS e PICOSQUE, 2012, pg.17).

Para atingir esta amplitude no espectador é preciso pensar esta mediação propositiva que pode ser realizada por um profissional da área de maneira a valorizar a trajetória, impressão e sensação de cada receptor diante da linguagem nova.

O mediador propositivo provocará os alunos/espectadores a partir dessas impressões primeiras, estimulando-os a refletirem sobre a obra assistida, pontuando e fazendo ligações com a vida e o cotidiano. Desta maneira o Teatro será mais bem compreendido por seus admiradores.

A partir desses pensamentos, percebo que uma boa maneira de mediar junto a espectadores não conhecedores da Arte teatral, é através da abordagem triangular de Ana Mae, que propões desenvolver a percepção estética através do fazer artístico, leitura e contextualização de obras.

Para efetivar tal proposta, podem-se proporcionar oficinas de iniciação ao Teatro aos envolvidos. Um grupo teatral que se compromete em apresentar-se a uma determinada comunidade pode oferecer uma oficina de iniciação à linguagem aos alunos/espectadores – algo que dialogue com as estéticas adotadas no espetáculo proposto – de maneira a fazê-los compreender o Teatro no próprio corpo, sentindo-o, “pois apropriar-se da linguagem é a garantia desta leitura” (DESGRANGES, 2006. pg. 23).

Depois da apresentação o grupo pode abrir um diálogo, um debate orientado, a fim de absorver o que foi compreendido, bem como provocar novas reflexões.

Logo, o acontecimento artístico se daria em três etapas: a primeira delas com uma oficina ministrada a espectadores (o Fazer artístico), iniciando-os à linguagem teatral; o segundo momento seria o instante do espetáculo (a Leitura da obra), quando os alunos poderiam observar de maneira mais ampla o que é o Teatro; e por último haveria um debate entre o mediador e os receptores, onde as impressões

seriam expostas e as reflexões estimuladas (Contextualização ou identificação com a própria vida, cultura e sociedade).

Pode-se dizer que uma mediação proposta e executada nestas três etapas se trata de ação educativa, capaz de provocar os espectadores a pensar e enxergar o Teatro, as Artes e a própria vida de diferentes maneiras. Tais processos de ensino-aprendizagem podem contribuir com a formação de uma percepção estética, estimulando olhares, reflexões e atitudes, além de modificar hábitos culturais de uma comunidade.

Nota-se que para boa parte dos brasileiros o hábito de ir ao Teatro não faz parte de seus cotidianos. Uma recente pesquisa da Fecomércio RJ/Ipsos mostra que assistir a espetáculos teatrais não pertence à cultura brasileira:

O levantamento aponta para uma inércia em relação à cultura, que passa necessariamente pela questão intergeracional - em geral, os pais não têm o hábito de frequentar 'ambientes culturais', como museus, cinema ou teatro, e por isso, não estimulam os filhos. (FECOMÉRCIO RJ, 2014, pg. 02).

Segundo o estudo, a falta de hábito cultural dos brasileiros independe de faixa etária, escolaridade ou renda familiar, o que provoca reflexões a respeito de soluções possíveis para esta questão.

Na mesma pesquisa, notou-se considerável aumento no número de espectadores de Teatro em relação ao ano anterior, o que seria explicado pelo aumento na divulgação de expressões teatrais em sites de relacionamento, como as comédias *Stund Up*, por exemplo.

Desta maneira observa-se que o Teatro, assim como outras manifestações artísticas, pode ampliar seu número de receptores a partir de ações que consigam popularizar a Arte. Acredito que quanto mais a experiência artística e teatral tornar-se comum e compreensível a todos, mais espectadores há que se conquistar.

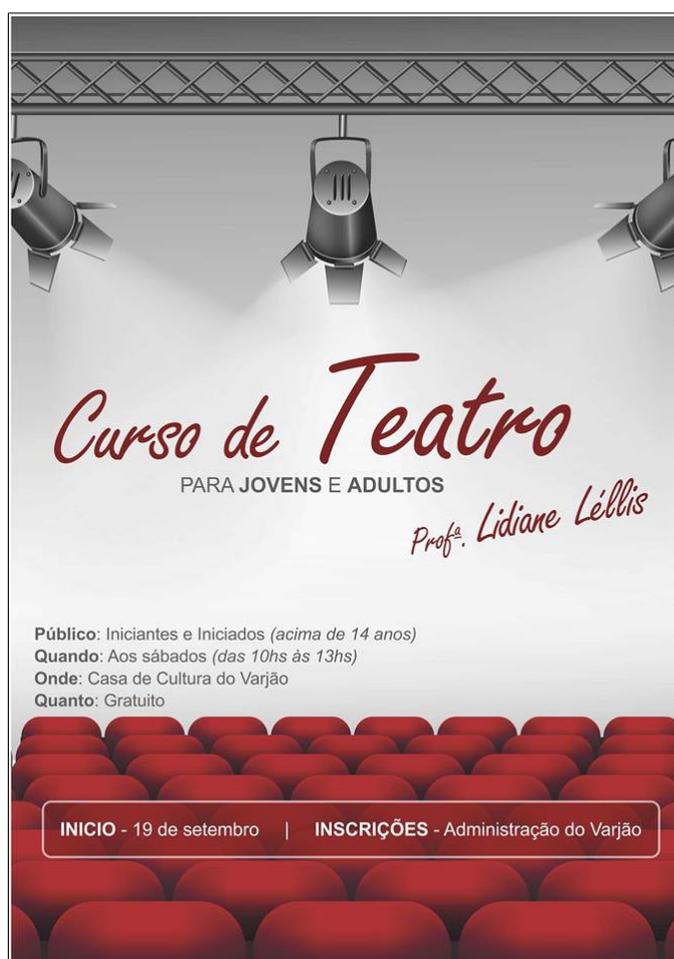
A partir destas reflexões procurei executar tais ideias junto à disciplina Estágio 2 dentro da Universidade de Brasília no segundo semestre de 2015, experimentando na prática cada pensamento e pesquisa.

CAPÍTULO 3 – EXECUÇÃO DE IDEIAS E PESQUISAS

Em junho do último ano fui à primeira reunião do Conselho de Cultura do Varjão do Torto, onde resido há mais de três anos, e tive a oportunidade de conhecer o pessoal da Administração Regional.

Assim que me apresentei como atriz e estudante de Artes Cênicas, abriram-me as portas para dialogar sobre a possibilidade de lecionar Teatro para a comunidade. Meu interesse foi imediato, visto que poderia unir o útil ao agradável: lecionar para jovens de minha região e ainda aproveitaria as horas exigidas em Estágio 2 pela UnB.

Figura 1 – Cartaz de divulgação da oficina



Arte do cartaz por Hugo Leles

Em setembro comecei as aulas na Casa de Cultura do Varjão, todos os sábados das 10 às 13 horas para jovens a partir de quatorze anos. No começo foi difícil, pois tive que divulgar sozinha as aulas em diversos lugares, como escolas e comércio local.

Na primeira aula recebi apenas três alunas. No decorrer de cada sábado este número foi aumentando devagar, chegando a manter o total de oito adolescentes assíduos.

As oficinas foram planejadas com o intuito de trabalhar diferentes elementos da encenação, bem como interpretação e jogos de improviso.

Lecionei por três meses, somando dez aulas práticas que trabalhavam cenografia, figurino, maquiagem, leituras dramáticas, sonoplastia, construção de personagem, corpo e voz; um passeio ao Teatro para apreciação de espetáculo profissional; e ainda um último encontro para debatermos sobre as aulas ministradas e espetáculo assistido.

Planejei as aulas buscando trabalhar os diferentes signos presentes na cena teatral, sempre lhes oferecendo elementos para experimentação em sala. A cada aula um elemento diferente da encenação era trabalhado de maneira prática. Certos dias experimentaram figurino e maquiagem, outro dia objetos de cena e texto, e por aí vai.

Figura 2 – Alunos caracterizados em aula prática



Figura 3 – Aula de maquiagem e figurino



Arquivo da autora

Figura 4 – Aluna caracterizada



Arquivo da autora

Figura 5 – Aula de interpretação



Arquivo da autora

Figura 6 - Aula de improvisação



Arquivo da autora

Ao final do processo, como havia planejado, os levei para assistir e comentar o espetáculo “Os Gigantes da Montanha”, do Grupo Galpão, no Teatro da Caixa. Consegui leva-los gratuitamente graças a um contato que fiz com a produção do Galpão.

A fábula trágica “Os Gigantes da Montanha” – de Luigi Pirandello – narra a chegada de uma companhia teatral decadente a uma vila mágica, povoada por fantasmas e assombrada pelos gigantes que moram por ali. Os fantasmas e integrantes da trupe dialogam sobre o Teatro e sua sobrevivência no mundo moderno atual.

Os alunos assistiram ao espetáculo na sexta-feira, dia 27 de novembro, às 15 horas, juntamente com alunos de escolas públicas de Brazlândia. Era uma sessão extra do Programa “Gente Arteira” da Caixa Cultural. No dia seguinte dialogamos sobre as impressões em relação ao espetáculo. Deixei que eles fizessem seus comentários respeitando suas maneiras de pensar e sentir.

Figura 7 – Visita ao Teatro



Arquivo da autora

Figura 8 – Visita ao Teatro



Arquivo da autora

Posso dizer que o diálogo foi bastante satisfatório, pois notei que os alunos estavam compenetrados em todas as aulas ministradas, e que esta atenção contribuiu para que assistissem ao espetáculo com certa consciência estética.

Fui gravando e anotando cada comentário dos oficinairos, que tinham entre quatorze e dezesseis anos de idade. A maioria deles chegou às aulas sem terem tido nenhum contato anterior com Teatro, nem como espectadores, nem como aprendizes.

Notei – em comentários como “A maquiagem dos atores transpassava o que cada um estava sentindo, o que cada um representava” (I., 14 anos) – que as aulas de caracterização, onde eles tiveram a oportunidade de experimentar diferentes elementos de maquiagem e figurino, serviram para que tomassem consciência da importância de tais elementos dentro de uma encenação. Mais do que apenas para caracterizar uma determinada personagem, estes elementos passam para seus espectadores uma ideia, uma sensação, um sentimento.

De acordo com o conceito de cada espetáculo, o grupo produtor do mesmo faz escolhas estéticas para a encenação, a fim de provocar diferentes sensações em seus receptores. A partir do cenário, iluminação, maquiagem, figurino, formas animadas, texto e sonoplastia, é possível perceber o tempo, a temperatura, o ambiente, emoções e situação a que as personagens estão inseridas.

E os espectadores sentem, assimilam e decodificam cada um desses elementos da encenação, percebendo o que o espetáculo pretende transmitir, assim como foi percebido pelas alunas do Varjão: “A atriz principal usava trapos. Acho que o Teatro não estava dando muito lucro” (K., 14 anos); “Os figurinos serviam também para diferenciar os personagens. Os fantasmas estavam com roupas brancas (...) e a trupe estava com roupas mais coloridas, mais viva, de pessoas vivas”. (I, 14 anos).

Percebi, nos comentários tecidos pelos alunos, que, mesmo que não se tenha muita compreensão de conceitos e formas teatrais, o espectador percebe e sente o espetáculo e estéticas ali inseridas, principalmente quando tal receptor foi preparado a partir de oficina prática.

A aluna I., por exemplo, de quatorze anos, mesmo sem conhecer o conceito metalinguagem, percebe que no espetáculo “Gigantes da montanha” trata-se de uma trupe de Teatro apresentando uma peça dentro de outra peça: “Achei incrível a

forma como a peça é, até o roteiro, de ter uma companhia de Teatro atuando numa companhia de Teatro. Ficou muito legal!”.

A partir destes e outros comentários é que o mediador irá trabalhar. É importante que ele aproveite cada maneira particular de pensar dos espectadores, cada jeito diferente de explicar uma determinada percepção e, estimulando novos olhares, possa educá-los e formá-los.

Busquei, através da oficina ministrada, contribuir para com o desenvolvimento da percepção estética. Cada elemento da encenação trabalhado e experimentado em sala, e a apreciação mediada de espetáculo, contribuíram com a compreensão de signos e subjetividades presentes no espetáculo de Teatro.

Estas ações veem de encontro com a abordagem triangular já mencionada, a partir do trabalho prático desenvolvido na oficina de iniciação (o fazer artístico); apreciação de espetáculo profissional (leitura da obra); e debate orientado sobre as experiências teatrais vividas, fazendo ligações com o cotidiano e sociedade (contextualização).

Trabalhos como este, se desenvolvidos continuamente em comunidades escolares ou habitacionais, podem colher bons frutos estéticos, formando pessoas mais bem preparados para a vida, pois a Arte traz “fragmentos que se acrescentam a outros fragmentos para irem compondo a humanidade”. (FISCHER, 1987, pg. 19).

Como estudante de licenciatura em Artes Cênicas, acredito na capacidade de formação humana, estética, social e cultural concebidas pelo contato orientado entre receptores, oficinas e espetáculos. As aulas e obras artísticas teatrais em muito podem contribuir na formação da percepções estéticas a partir do contato continuado com os espectadores.

Tal contato pode provocar também, além de desenvolvimento humano, modificações nos hábitos culturais brasileiros. Ações educativas como estas realizadas no Varjão do Torto podem contribuir com a popularização teatral, principalmente por ter sido ministrada gratuitamente.

É preciso proporcionar acesso a Arte para que a mesma seja contemplada. Infelizmente para muitos a temática artística e principalmente teatral não faz parte de

suas realidades e por isso não se desperta o interesse por apreciá-las. Como posso querer algo que não conheço?

É um trabalho no qual os frutos serão colhidos a longo prazo, mas que é preciso começar. É preciso proporcionar Teatro a todos e assim, desenvolver a percepção estética e cultural, podendo despertar desejos contínuos pelas expressividades dramáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos recentes da Fecomércio RJ/Ipsos de 2014 apontam que os brasileiros frequentaram mais espetáculos teatrais em relação ao ano anterior, havendo um aumento de 0,4 pontos percentuais.

Em tal pesquisa consideram que o aumento de frequentadores ocorreu pelo fato de haver maior popularização das chamadas *Stand up Comedy* e demais dramatizações em redes sociais, o que explicaria também a diminuição no hábito de ler dos brasileiros.

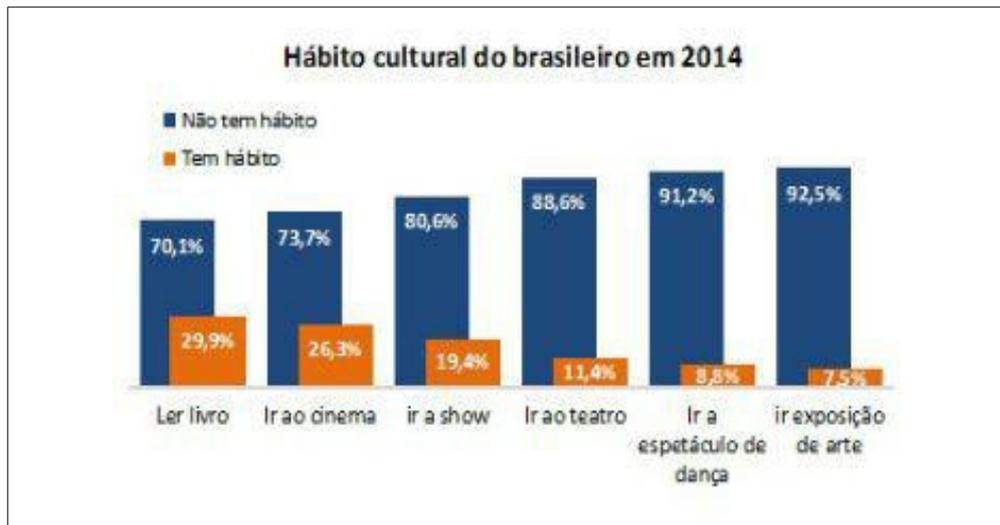
Ainda que haja razoável aumento no número de frequentadores de Teatro, a partir de pesquisa da Fecomércio, culturalmente os brasileiros não têm o hábito de acompanhar espetáculos teatrais, pois, segundo a mesma pesquisa, “a prática de atividades culturais de lazer ainda é uma realidade para poucos”.

O brasileiro não tem o costume de ir a espetáculos de Dança, nem tão pouco a exposições de Arte ou a salas de Teatro. Trata-se de questão cultural, ou seja, hábitos que não são repassados dos pais para os filhos:

Para 92,5% dos entrevistados, visitas a exposições de arte não fazem parte de seus costumes, 91,2% informaram que não vão a espetáculos de dança, 88,6% não frequentam as salas de teatro brasileiras e 80,6% não vão a shows de música – item que avança desde 2011. Os percentuais também são elevados entre os que não vão ao cinema e não leem livro: 73,7% e 70,1%, respectivamente.

Entre as principais razões para não praticar uma atividade cultural, estão a falta de hábito ou gosto por esse tipo de programa, que, juntos, respondem por 76% das citações. Vale ressaltar que esses motivos aparecem no topo da lista desde o início do levantamento (em 2007). (FECOMÉRCIO RJ, 2014).

Figura 9 – Quadra Hábito cultural dos brasileiros de 2014 / Fecomércio RJ



Divulgação de internet

De acordo com a pesquisa e gráfico supracitados, nota-se que a apreciação artística não faz parte dos hábitos cotidianos da maioria dos brasileiros nos tempos atuais, o que me permite, enquanto artista e estudante, refletir e pensar soluções a respeito desta realidade.

Analisando positivamente a pesquisa e também os resultados alcançados nas oficinas do Varjão do Torto no final de 2015, nota-se que há a possibilidade de modificação – a longo prazo – deste quadro.

De acordo com a Fecomércio, os hábitos culturais brasileiros começaram a se modificar com a crescente aparição de grupos teatrais e demais artistas da cena em sites de relacionamento, o que nos permite perceber que quanto mais se conhece a linguagem dramática, mais admiradores pode-se conquistar.

Como posso gostar de algo que nunca vi, nem vivenciei? É preciso Fazer para compreender; é preciso saber Ler para gostar; é preciso Contextualização para alcançar admiradores do ato teatral.

Para que a popularização das manifestações teatrais aconteça, de modo a contribuir com a formação de espectadores e desenvolver a percepção estética, é necessário pensar ações educativas.

Neste sentido, a pesquisa e a prática desenvolvidas para fins deste trabalho de conclusão de curso, permitiram alguns diálogos e possibilidades. A oficina de iniciação teatral desenvolvida no Varjão, bem como a apreciação mediada de espetáculo de Teatro, são exemplos de ações educativas que podem ter contribuído para com a formação estética e cultural daquela comunidade. Processos de ensino aprendizagem como estes podem preparar os espectadores para a vida, a partir do fazer, ler e contextualizar teatral, chegando a provocar modificações na cultura da recepção teatral.

Os alunos que vivenciaram a experiência teatral por três meses na oficina e puderam acompanhar um espetáculo encantador como foi “Gigantes da Montanha”, não saíram do mesmo modo que entraram. De alguma maneira houve contribuição na ampliação de seus olhares estéticos e quem sabe, em seus hábitos culturais.

A aluna I., por exemplo, apreciou o espetáculo e demonstrou interesse em ver novamente: “Eu fiquei encantada e arrepiada algumas vezes com eles cantando, eles atuando. Eu quero assistir de novo!” (14 anos).

A maioria dos alunos da oficina ministrada nunca tinham tido contato com nenhum espetáculo teatral e de certo modo, com as aulas e passeio, houve provocação, que pode ter estimulando-os a assistir mais vezes.

Ações como estas, se desenvolvidas em diferentes comunidades por artistas e estudiosos da cena, podem despertar interesses pela experiência teatral e contribuir com modificações nos hábitos culturais brasileiros. A longo prazo é possível colher bons frutos neste sentido.

Outra observação em relação a estas ações é a maneira como os alunos modificaram seus olhares para com a cena teatral. Ao experimentarem a expressividade, o drama e as linguagens da encenação a cada aula, fez com que adentrassem o Teatro como espectadores com olhar mais amplificado, observando cada detalhe da encenação e se colocando no lugar de cada artista e cada personagem.

A partir do debate realizado depois da apresentação, percebi que os alunos conseguiam fazer conexões entre o espetáculo e as aulas assistidas. K. por exemplo, de quatorze anos, comentou a partir de ensinamentos dados em sala: “E eles falavam em um tom que a velhinha surda e cega que estava lá na última

cadeira conseguiu ouvir. (...) Eles falavam em tom alto e exageravam, realmente. Você falou que teatro é exagero. Realmente é exagero mesmo. Eu percebi tudo”.

O exagero e volume da voz foram algumas das questões discutidas e trabalhadas nas aulas, de modo a demonstrar aos alunos o quão a linguagem teatral se trata de expressão amplificada se comparada a algumas interpretações audiovisuais – estilo geralmente mais conhecido pelos jovens da oficina.

Como estudante de Artes Cênicas, com habilitação em licenciatura, acredito que ações educativas teatrais como estas, aplicadas com continuidade por grupos, artistas, professores e/ou pesquisadores, em muito podem contribuir para com a formação de uma sociedade mais cultural, estética e crítica.

Concluo que, como futura Arte educadora, comprometida com a formação de uma percepção estética e cultural, posso aplicar estas e outras ações em contextos educacionais; e, a partir de um trabalho continuado, contribuir com a construção de uma cidadania estética com objetivos que orientam o ensino de Artes em tais contextos.

Na certa não terei resultados imediatos que tantas vezes desejamos, mas acredito que de agora para frente, eu possa fazer meu trabalho de modo a contribuir com tais objetivos. Caso venha a ter ainda companheiros artistas dispostos e crentes na formação da percepção estética para caminharem junto comigo na árdua tarefa, frutos ainda maiores há que se colher e uma sociedade crítica, cultural, estética e poética há que se construir.

REFERÊNCIAS

ADAMI, Anna. **Definição de Arte**. 2014. Disponível em <http://www.infoescola.com/artes/definicao-de-arte/>. Acesso em 19 de novembro de 2015.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da Arte: Anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

DESGRANGES, Flávio. **A inversão da olhadela: Alterações no ato do espectador teatral**. São Paulo: Hucitec, 2012.

_____. **Pedagogia do Espectador**. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. **Pedagogia do Teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MARTINS, Mirian Celeste e PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FECOMÉRCIO. **Pesquisa Cultura no Brasil**. 2014. Disponível em <http://www.fecomercio-rj.org.br/publique/media/Pesquisa%20Cultura.pdf>. Acesso em 27 de maio de 2016.

VIGOTSKI, Lev. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ANEXOS

Planos de Aula:

19 de setembro: A PRIMEIRA

- Apresentação dos alunos: Nome, idade, experiências com teatro e o que esperam das aulas.
- Informes: Evitar atrasos, avisar quando faltar, levar garrafa de água, ir com roupas confortáveis, não usar o celular, tentar deixar a timidez em casa e se divertirem.
- Alongamento básico.
- Aquecimento: andando pelo espaço, ocupando o palco, evitando lugares muito vazios. Andando cada vez mais rápido até chegar a correr, evitando esbarrar um no outro. Pausas para respirar e sentir o corpo.
- Improvisação 1: “O quê, quem e onde”. Em dupla, determinei um lugar, uma situação e personagens a serem criados. Depois trocaram de personagem e repetiram a cena. Depois fizeram mais uma vez em granelô.
- Improvisação 2: Em dupla pensaram em um ditado popular e criaram uma cena a partir dele (“Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”). Organizei alguns detalhes em relação a posicionamento de cena e repetiram, agora falando ainda mais alto e sem ficar tanto de costas para o público.
- Conversa ao final sobre o que foi aprendido.

Observações: Foram apenas duas alunas. Pedi que cada uma levasse mais duas pessoas.

26 de setembro: INTEGRAÇÃO DA TURMA

- Apresentação dos alunos: apresentaram-se novamente, pois haviam alunos novos.
- Alongamento básico.
- Aquecimento: andando pela sala, troca de olhares, força no olhar, ocupando o espaço evitando lugares vazios.

- Visão periférica, sintonia e concentração: andando pela sala quando um faz algo diferente todos fazem também (andar mais rápido, em câmera lenta, bater palmas, parar, agachar, etc.)
- Espelho: Em duplas, um imita os movimentos do outro.
- Linha: Em dupla, um puxa o outro por uma linha imaginária, usando partes do corpo.
- Estátuas – Nas duplas escolher três cenas em estátua e mostrar aos outros.
- Improvisação 1: Em duplas, escolhem um gibi, lê a historinha final (aquelas com três quadrinhos) e encenam.
- Improviso 2: “O que, onde, quem”. Em trios improvisam o que os outros colegas determinarem.
- Cena ensaiada: Junção de todos os improvisos, aproveitando cada personagem encontrado no improviso 2 e também cada situação e história. Depois de um tempo para ensaio, apresentam-se.
- Discussão ao final sobre a aula do dia e sobre a próxima.

Observação: 6 alunos presentes.

03 de outubro: CORPO E VOZ

- Alongamento: cada um propõe um exercício para os outros.
- Aquecimento vocal e corporal: Movimentos em diferentes planos e diferentes tons de voz. Começamos em movimentos só do chão. Pedi que soltassem a voz, buscando mantê-la alta mesmo em plano baixo. Depois fomos subindo para os planos médio e alto.
- Monólogos em duplas: Faziam movimentos e falavam como se fossem uma pessoa só. Trabalharam um tempo nisso e depois definiram uma sequência de movimentos e texto.
- Apresentação e discussão com a turma. Um comentou a cena do outro.
- Troca: Pedi que trocassem de cena com o colega. Um fez a cena do outro que acabara de assistir, tentando melhorar o que achavam que precisava.

- Apresentação e nova discussão sobre a aula.

10 de outubro: O RETORNO

- Alongamento básico

- Aquecimento: andando pela sala. Usamos diferentes planos (alto, médio e baixo) ao andar em diferentes ritmos.

- Visão periférica, sintonia e concentração: andando pela sala quando um faz algo diferente todos fazem também (andar mais rápido, em câmera lenta, bater palmas, parar, agachar, etc.)

- Espelho: Em duplas, um imita os movimentos do outro.

- Contato improvisação: Nas duplas, ao som de músicas em diferentes ritmos, pedi que fizessem diferentes movimentos estabelecendo contato com o colega através de alguma parte do corpo. Depois pedi que definissem três movimentos com início meio e fim. E ainda pedi que incluíssem frases ou poesias ou trechos de músicas aos movimentos escolhidos. Apresentaram uns aos outros.

- Preenchimento: Exercício em grupo onde um preenchia o movimento do outro, fazendo encaixes. Depois o grupo definiu alguns movimentos e montaram uma história com início, meio e fim incluindo estes movimentos definidos durante a apresentação. Apresentaram para mim.

- Discussão ao final sobre a aula do dia e sobre a próxima.

Observação: Neste dia recebi dois novos alunos e por isso procurei refazer alguns exercícios e concepções.

17 de outubro: A CRISE

- Alongamento: começando do chão e alongando aos poucos até estarem de pé. Já trabalhando também concentração.

- Aquecimento: Levei uma bolsinha um pouco pesada e fomos andando pela sala e jogando a bolsinha um para o outro, concentrados. Depois fui incluindo formas

corporais de se pegar e jogar a bolsinha. Trabalhamos ritmos, planos e expressão corporal.

- Jogando e falando: Pedi que jogassem a bolsa falando palavras e depois frases e depois estavam dialogando. Pedi que buscassem diferentes maneiras de usar a voz.
- Receita de bolo: Anotei uma receita de bolo em papel e pedi que lessem de diferentes formas, com diferentes tons de voz e intenções.
- Discussão ao final sobre a aula do dia e sobre a próxima.

Observação: Dia de crise. Apenas dois alunos.

24 de outubro: FIGURINO E MAQUIAGEM

- Alongamento: cada um propõe um exercício para os outros.
- Aquecimento: com bolsinha. Agora com mais pessoas foram jogando um para o outro. Depois, cada vez que um pegava todos paravam e fazia uma estátua viva e expressiva (exagero).
- Exercício de confiança: Todo num círculo e um no meio. A pessoa do meio fica bem ereta e deixa o corpo cair. Pessoas em volta seguram e jogam. Devagar e concentrados.
- Leitura de texto: Levei textos curtos de teatro. Lemos alguns juntos e se separaram em duplas para que ensaiassem suas cenas separadamente. Pedi que não ficassem com o texto na mão e que apenas improvisassem com base no texto já lido.
- Caixa de figurinos: Levei figurinos e deixei que escolhessem. Fui ajudando alguns para que fizessem boas escolhas com base em seus personagens.
- Caixa de maquiagem: Levei maquiagens diversas e fui ajudando um a um de acordo com seus personagens já definidos.
- Apresentação para todos.
- Discussão ao final sobre a aula do dia e sobre a próxima.

Observação: Foi uma aula muito produtiva.

31 de outubro: SONOPLASTIA

- Alongamento: cada um propõe um exercício para os outros.
- Aquecimento vocal e controle da respiração.
- Respiração: Movimentos rápidos pela sala, algumas pausas, controlando a respiração. Depois falando textos logo após correrem um pouco, buscando disfarçar a respiração.
- Aquecimento: Diferentes movimentos seguindo os ritmos dados em músicas. Fui trocando de músicas a cada minuto.
- Estímulos sonoros: uma roda e uma pessoa no centro fazendo diferentes movimentos a partir dos estímulos sonoros dados pelos alunos em volta. Usamos instrumentos musicais, som mecânico e sons do corpo.
- Voltam ao texto trabalhado na aula anterior. Peço que tragam mais expressividade corporal às cenas e também elementos de sonoplastia.
- Apresentação e discussão.

07 de novembro: OBJETOS DE CENA

- Alongamento: cada um propõe um exercício para os outros.
- Aquecimento vocal e controle da respiração.
- Aquecimento: movimentos do cotidiano sendo repetidos algumas vezes em diferentes ritmos e intenções.
- Caixa de objetos / Improvisação: Trio ou dupla. Cada objeto tirado da caixa e mostrado, eles incluem no improviso.
- Voltam ao texto e incluem objetos e movimentações exageradas nas cenas. Peço que cada um monte o seu cenário numa parte do espaço da aula.
- Apresentação e discussão.

14 de novembro: INTERPRETAÇÃO

- Alongamento: cada um propõe um exercício para os outros.

- Aquecimento vocal e controle da respiração.
- Aquecimento corporal usando planos e ritmos.
- Construção de personagem: peço para que cada um pense em um animal e que tragam características destes animais para o corpo e voz. Depois vão deixando este animal o mais humano possível. Os personagens vão se cumprimentando e dialogando na sala.
- Construção de cena: Montagem de sátira. Pedi que montassem uma sátira dos três porquinhos usando as características corporais de seus personagens construídos anteriormente.
- Anotação da cena em papel.
- Apresentação e discussão.

21 de novembro: LEITURA E CONSTRUÇÃO COLETIVA DE TEXTO

- Alongamento: cada um propõe um exercício para os outros.
- Leitura do texto “A Gata Borracheira” e adaptação. Todos palpitam sobre a melhor forma de adaptá-lo para quatro atores e sobre como deixá-lo mais atual.
- Cada um fará 2 personagens diferentes.
- Discussão sobre possibilidades de cenário, figurino, sonoplastia e maquiagem.

27 de novembro: ESPECTADORES

- Visita à Caixa Cultural para apreciação de “Os Gigantes da Montanha”, do Grupo Galpão.

Observação: Quatro alunos presentes. Levei-os no meu carro. A apresentação foi realizada para alunos de duas escolas públicas de Brazlândia em uma sessão extras as 15:00 pelo “Programa Gente Arteira”.

28 de novembro: DEBATE

- Bate-Papo: Diálogo orientado sobre o espetáculo e discussão sobre o texto que adaptamos e que montaremos para o próximo ano (“A gata borralheira” – sátira da Cinderela escrita por Maria Clara Machado). Definição de personagens.

Comentários dos alunos sobre o espetáculo:

“Achei a peça muito legal pela mistura de gêneros. Tanto comédia, como drama. E era meio que um musical. Tinha música, atuação e até dança”. (I., 14 anos);

“E eu observei o cenário, tudo muito organizadinho, colorido, muito bonito, muito suave”. (K., 14 anos);

“Legal do cenário, que eles mesmos trocavam as coisas de lugar”. (I., 14 anos);

“Observei as luzes, que eram azuis e, tipo, favoreciam o palco, entende? E eram bem chamativas. Favorecia o palco e o cenário, e tudo mais. Não ficava feio, entendeu?” (C., 15 anos);

“Eles estavam com maquiagem meio que de palhaço, pintando a pálpebra, a bochecha. Muito bonito!” (Y., 14 anos);

“A maquiagem dos atores muito legal. Eu acho que transpassava o que cada um estava sentindo, o que cada um representava. Por exemplo, tinha a mulher que achei a mais engraçada, que a roupa e maquiagem dela também eram engraçadas. A da personagem principal era uma maquiagem mais bonitinha, mais encantadora, mais romântica. As dos fantasmas eram brancas”. (I., 14 anos);

“A atriz principal usava trapos e falava que estava usando trapos. Acho que o teatro não estava dando muito lucro. Ai estavam virando mendigos. Ai a roupa dela estava com umas coisas rasgadas, uma coisa por cima da outra. Parecia mesmo que ela era uma mendiga”. (K., 14 anos);

“Os figurinos serviam também pra diferenciar os personagens. Os fantasmas estavam com roupas mais brancas cheio de coisas, muita informação, eles chamavam muita atenção mesmo estando de branco. E a trupe estava com uma roupa mais colorida, mais viva, de pessoas vivas, normais”. (I., 14 anos);

“Achei que as músicas eram colocadas no lugar certinho. Eu fiquei arrepiada, por exemplo, quando aquele cara se enforcou em sonho. Tinha música pra ele se enforçar”. (I., 14 anos);

“Música? Meu Deus, eles cantam demais! Eles arrasam! Achei a música incrível, eles mesmos cantando, usando instrumentos deles mesmos, que é a voz e os instrumentos musicais ao vivo”. (I., 14 anos);

“Sinceramente, eu gostei bastante. Não entendi no começo, mas depois eu fui entendendo”. (Y., 14 anos);

“Achei incrível a forma como a peça é, até o roteiro, de ter uma companhia de teatro atuando numa companhia de teatro. Ficou muito legal!” (I., 14 anos);

“E eles falavam em um tom que a velhinha surda e cega que estava lá na última cadeira conseguiu ouvir. Ela conseguia entender”. (K., 14 anos);

“Eles falavam em tom alto e exageravam, realmente. Você falou que teatro é exagero. Realmente é exagero mesmo. Eu percebi, percebi tudo”. (K., 14 anos);

“Eu fiquei encantada e arrepiada algumas vezes com eles cantando, eles atuando. Eu quero assistir de novo!” (I., 14 anos).

